



*Artigo*  
*Article*

**A vivência do luto na infância: um olhar sobre o filme “*Tão Forte, Tão Perto*”**

*The experience of childhood mourning: a look at the film “Extremely Loud & Incredibly Close”*

Gessica Raquel Clemente Rodrigues<sup>1</sup>  
Catarina Leonila Costa Amorim<sup>2</sup>  
Ianna Angel Gonçalves Fernandes<sup>3</sup>

**RESUMO:** A temática do luto, especificamente o luto na infância, ainda causa na cultura ocidental estranhamento, medos ocultos e tabus, pois a visão filosófica e política dessa sociedade está configurada de acordo com seu continente, sua historicidade e ancestralidade, que ao longo da história foi rompendo seu contato com a ideia de refletir e falar sobre a finitude, sobre morte e o luto. Contudo, sabe-se que toda perda significativa exige um processo de luto, que pode ser compreendido como um processo de ajustamento às perdas. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo elucidar o tema do luto infantil, como também, propõe relacionar a psicologia enquanto teoria e ciência no desenvolvimento de debates e reflexões sobre essa temática ainda pouco discutida. Assim, esse estudo se constitui como uma revisão bibliográfica de natureza narrativa, no qual foi traçado um mapeamento das produções existentes sobre o luto infantil, os quais após leituras e reflexões, foram articulados com o filme “tão forte, tão perto”, o qual discute a temática da vivência do luto na infância, que é vivenciado pelo personagem Oskar, o qual perde seu pai Thomas no fatídico 11 de setembro, e precisa ressignificar a perda e aprender a seguir com a ausência e a saudade de seu pai. **Palavras-chave:** Psicologia e luto; Luto infantil e morte.

<sup>1</sup> Psicóloga e Mestre em Ciências Humanas e Ciências Sociais, gessicarcr@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Psicologia, Faculdade Católica do Rio Grande do Norte, catarina.leonila02@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Psicologia, Faculdade Católica do Rio Grande do Norte, iannafernande@gmail.com

**ABSTRACT:** The theme of mourning, specifically childhood mourning, still causes strangeness in Western culture, hidden fears and taboos, as the philosophical and political vision of this society is configured according to its continent, its historicity and ancestry, which throughout history was breaking its contact with the idea of reflecting and talking about ending, death and mourning. However, it is known that any significant loss requires a grieving process, which can be understood as a loss adjustment process. In this sense, the present article aims to elucidate the theme of child mourning, as well as proposing to relate psychology as theory and science in the development of debates and reflections on this theme that is still little discussed. Thus, this study is constituted as a bibliographic revision of a narrative nature, in which a mapping of the existing productions about child mourning was traced, which after readings and reflections, were articulated with the film “Extremely Loud & Incredibly Close”, which discusses the theme of the experience of mourning in childhood, which is experienced by the character Oskar, who loses his father Thomas on the fateful 9/11, and needs to reframe the loss and learn to go on with his father's absence and longing. **Keywords:** Psychology and grief; Childhood grief and death.

## INTRODUÇÃO

*“Toda separação é triste. Ela guarda memória de tempos felizes (ou de tempos que poderiam ter sido felizes) e nela mora a saudade”.*

*Rubem Alves*

O atravessamento que a morte e o luto causam nas pessoas tem sua configuração de acordo com a cultura, religião, visão filosófica e política de cada sociedade, que varia de acordo com o seu continente, com suas origens ancestrais e pode sofrer modificações de acordo com o tempo; mesmo assim, o reconhecimento do luto é vital para integralidade humana. Franco (2012) aponta que o luto e /ou enlutamento é o pesar tornado público, quando o enlutado se apodera destes sentimentos e os compartilha com os outros, o que, por sua vez, envolve o olhar da cultura, que lhe dá continência e validade.

Conforme essas configurações e variações de acordo com o tempo, a sociedade ocidental, mais especificamente os adultos, sentem dificuldades de acompanhar o modo de tratar esse assunto com crianças de forma funcional, pois falar sobre a morte implica falar sobre perdas, sobre dores, lacunas internas, e até questionamentos sem respostas objetivas ou concretas. Em detrimento a isso, toda perda significativa exige um processo de luto, que por sua vez, pode ser entendido como um processo de ajustamento às perdas, e a intensidade dessa vivência de luto é variável de acordo com o apego e a relação estabelecida pelo sujeito enlutado (MARTINS, 2014).

Na Idade Média, a morte era concretizada como ritual de despedida, onde era possível o cadáver em uma cerimônia pública, receber o perdão de familiares e entes amigos. Nesses rituais era comum à participação de crianças, que entravam nos quartos e vivenciavam as manifestações de dor e tristeza da morte (ARIÈS, 1975/2003 apud COMBINATO, 2006). O fato de permitirem que as crianças continuem em casa e participem da conversa, das discussões e dos temores, faz com que não se sintam sozinhas na dor, dando-lhes uma autonomia e possibilidades para que consigam elaborar e/ou vivenciar seu luto por meio de uma percepção gradual, a fim de que as mesmas elucidem algumas dúvidas e encarem a morte como parte da vida, sendo uma experiência que pode ajudá-las a crescer e amadurecer (KÜBLER-ROSS, 1991).

Kubler-Ross (1991) ainda ressalta que a partir do século XX, a morte passa a ser algo que deve ser evitado, que ocorre longe dos rituais sociais naturais e é vivenciada em hospitais, instituições e até no isolamento social. Tal processo restringe aos familiares e aos doentes o direito de cuidar e ser cuidado por pessoas próximas, pois estes rituais de morte foram aos poucos sendo substituídos por organizações funerárias, pelos cortejos fúnebres rápidos e discretos; pelo autocontrole do indivíduo enlutado, que não pode expressar verdadeiramente suas emoções (ARIÈS, 1975/2003 apud COMBINATO, 2006).

Já a temática da finitude e conseqüentemente o luto na contemporaneidade ocidental, está diretamente relacionada com medos ocultos, com receios, com a vulnerabilidade humana e com a capacidade de adquirir resiliência. É necessário que se considere que o processo de morte e a vivência do luto são experiências individuais e singulares mediante as perdas, logo, não há um padrão natural de reações e comportamentos. Estudos sobre resiliência pós-traumática demonstram que a experiência das perdas pode levar ao crescimento interpessoal, portanto, essa experiência é vista sob a ótica da saúde e não da patologia (BONANO, BOERNER & WORTAMN, 2008 apud LUNA, 2013).

O processo de luto só estará finalizado, quando existir “a presença da pessoa perdida internamente em paz”, havendo “um espaço disponível para outras relações”, sendo, portanto, necessário um tempo para vivenciar o luto, e não para negá-lo (KOVÁCS 1992, p. 50).

Para tanto, o contato com a dor da perda pode ser bem desafiador e marcado por muito sofrimento, no entanto, luto pode oportunizar ao ser humano reconhecer os próprios limites e descobrir formas mais autênticas de existir, pois é da necessidade de enriquecer a própria vida em detrimento da reflexão e vivência dessas perdas, que se é extraído o aprendizado em meio às adversidades (MARTINS, 2014).

Como já se vêm discutindo a morte é um componente da nossa existência, inclusive de nossas crianças, ou seja, não tem como pensar em vida sem concretizar a ideia da possibilidade da morte, pois ela é inerente ao ser humano. Atualmente a morte invadiu nossa vida repentinamente, das mais diversas formas, sem nos pedir licença, sem aviso prévio, sem controle, variando desde as violências onde na maioria das vezes não temos a possibilidade de preparo, como no contexto pandêmico vivenciado com a COVID-19, a qual já ocasionou segundo a Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS (2021) até janeiro desse ano vigente, mais de 1.000.000 (um milhão) de mortes só na região das Américas.

Esse contexto diz respeito a um processo demarcado por inconstância, instabilidade e fragilidade que a morte representa na vida das pessoas. Essa é uma época em que à morte passa a ser pensada de forma coletiva e não apenas de modo isolado, logo, as crianças veem sendo naturalmente convidadas a entender, vivenciar e participar dos processos da morte e de luto. Nesse cenário, quando as mesmas precisam passar por um período de luto, especialmente quando se refere a uma figura de apego significativa na história dela, a vivência da perda torna-se mais dolorosa e exigente, pois além da perda de sua segurança, os adultos disponíveis para acolher o seu sofrimento também estão passando pelo mesmo momento conturbado (BIANCHI, 2019).

O momento atual de pandemia tem nos colocado a reflexão de que não tem como e nem se deve mais tentar “proteger” e/ou impedir as crianças de entrar em contato com esse assunto, como se as mesmas não fossem capazes de assimilar o luto e o que o mesmo pode vir acarretar. Pois, mesmo no universo infantil é de extrema importância o olhar desde cedo para realidade, às emoções e sentimentos que as perdas podem ocasionar na vida, e seu significado é uma construção subjetiva, individual e que precisa ser esclarecida e entendida desde cedo. Ajudar as crianças a vivenciarem essa readaptação da realidade mediante a perda de um ente querido deve ser elaborado com cuidado, afeto e verdade. De acordo com a autora Kovács (2012, apud YAMAURA &

VERONEZ, 2016), falar com a criança sobre a morte de forma clara, natural e afetuosa, permite a mesma lidar com os medos e angústias que podem surgir pelo desconhecido, tendo a possibilidade de elucidar algumas dúvidas e mitos que lhe são transmitidos.

Para compreender se a criança está conseguindo elaborar o luto, é necessário buscar perceber a forma que a morte é representada para a mesma, e isso pode variar de acordo com a idade, cultura, vivência familiar e seu desenvolvimento. Conforme os estudos sobre desenvolvimento humano de Piaget, no estágio pré-operatório (entre 2 a 7 anos de idade) a criança atribui a morte a seres inanimados e a seres animados, logo, não é capaz de distingui-los nem de partilhar a experiência de maneira significativa; a partir do estágio das operações concretas (entre 7 aos 11 anos de idade) é que a criança compreende o fenômeno da irreversibilidade, favorecendo a elaboração da perda (PIAGET, 1978, apud ALMEIDA, 2005). Para a autora Kovács (2001, p. 404): “Considerar a morte como possibilidade pessoal é tarefa do ser humano, que se inicia já na infância”.

A internalização do significado da morte envolve a capacidade de adquirir as noções de irreversibilidade, não funcionalidade e universalidade (SPEECE & BRENT 1984, apud REZENDE 2007; MENDES, 2009). A qualidade da elaboração desse processo diz respeito à sua singularidade considerando seu repertório de recursos, desenvolvimento biográfico e campo vivencial (BIANCHI, 2019).

Nesse sentido, mediante o levantamento bibliográfico realizado nesse estudo, notou-se certa escassez na literatura acadêmica sobre o tema de luto infantil, sendo o mesmo ainda emergente. O autor Anton (2011) também constatou um número baixo de produções no Brasil sobre elaboração do luto mediante uma perda na infância e ressaltou que um maior investimento em publicações e pesquisas poderia auxiliar a suprir uma lacuna existente. Dando maior suporte teórico para os psicoterapeutas, e orientando instituições, famílias em formas mais adaptativas de lidar com a situação de elaborar perdas significativas na infância, e de grande valor profilático que é a possibilidade de prevenir o desenvolvimento de psicopatologias futuras, envolvendo luto patológico da criança e/ou da família.

Por isso, é justificável a necessidade de contribuir, nesse cenário, com a abertura de debates e reflexões principalmente por meio de recursos que ajudem a relacionar teoria e prática. Partindo do ponto de vista de Carvalho (2019), compreende-se que utilizar os filmes como um recurso se torna de suma importância, visto o caráter

influyente, pedagógico e lúdico que os filmes proporcionam, eles ainda se configuraram como excelentes recursos facilitadores para abordar um tema em questão, mesmo que a literatura sobre o tema ainda seja emergente.

Para tanto, esse trabalho se propõe a relacionar a psicologia enquanto teoria e ciência ao filme “tão forte, tão perto”, dando destaque aos pontos principais do mesmo. Serão levantadas e debatidas questões, com o suporte do aporte teórico sobre luto e as perdas, para discutir sobre a vivência de luto do personagem do filme, a criança Oskar Schell. Ele é um menino de onze anos que tem vários medos, mas encontrava em seu pai Thomas Schell, seu melhor amigo e maior incentivador à criatividade, sendo ele sua maior segurança e o seu conforto, por ser quem o compreendia.

Thomas criava expedições e jogos com seu filho, instigando nele a curiosidade, o raciocínio e a busca pelas repostas, e acabando de forma intencional por trabalhar de modo lúdico um déficit na sociabilização de Oskar. Ele construiu enigmas e elaborou missões com a intenção de que seu filho pudesse desvendá-los, cumpri-los e fazer com que, durante esse processo de descoberta, Oskar fosse enfrentando possíveis medos e limitações.

No entanto, no dia 11 de setembro 2001, Oskar é enviado de volta para casa mais cedo da escola, enquanto sua mãe ainda estava no trabalho. Ele atendeu a secretária eletrônica, e escutou mensagens de Thomas dizendo que estava no World Trade Center e que algo não parecia normal. O lugar que Thomas estava, minutos depois daquelas mensagens, sofreu um atentado terrorista de um grupo fundamentalista islâmico, no qual eles colidiram com três aviões às três torres gêmeas resultando na demolição dos prédios e milhares de mortos - um deles foi o pai Oskar, o Thomas. Desde esse dia, Oskar se viu sem seu pai e a dificuldade em ressignificar essa perda se fez cada vez mais presente.

Até que ele encontrou dentro de um vaso, uma chave que seu pai deixou antes de partir - seria essa uma última missão que daria sentido a tudo que aconteceu ao seu pai? - e assim, em busca de um norte e do alívio da dor pela perda, Oskar começou a se aventurar em busca de desvendar o último enigma, ou seja, de compreender o sentido deixado pelo pai com aquela chave. Até encontrar esse sentido, ele embarcou em uma aventura e foi conhecendo pessoas e lugares em busca de respostas. No fim, Oskar terminou onde começou: nos braços da mãe, que depois dessa jornada, conseguiu se

conectar melhor com ele, mesmo estando “ao lado dele” o tempo todo – mesmo sem que ele conseguisse a ver.

## **METODOLOGIA**

Para a construção desse trabalho, no primeiro momento foi feita uma revisão de literatura que constou da exploração do material já elaborado previamente sobre o tema das perdas e do luto durante a infância, com a finalidade de entrar em contato com as publicações já construídas sobre o assunto (GIL 2010 apud MARCONI & LAKATOS, 2011). Concomitante a esse ponto de partida, foi seguido o pensamento de Vosgerau (2014) quando foi feita a construção de uma contextualização para o problema e a análise das possibilidades presentes na literatura consultada, para a construção do referencial teórico da pesquisa, nesse caso sobre tema do luto infantil, com o objetivo de discutir a elaboração do luto infantil a partir da análise do filme “tão forte e tão perto”.

Dentro da revisão de literatura, esse estudo configura-se ainda, como sendo de natureza narrativa, pois é traçado um mapeamento das produções a partir da problematização e análise da bibliografia, dentro tema proposto do luto infantil. E no decorrer do estudo são pontuadas evidências de novas ideias, métodos e subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada, conforme Vosgerau (2014) defende. Inclusive, segundo o mesmo autor, é característica da natureza do estudo narrativo também a possibilidade de estabelecer relações com produções anteriores, identificando temáticas recorrentes, apontando novas perspectivas e consolidando uma área de conhecimento.

Assim, para a construção dessa revisão de literatura, pesquisas foram realizadas com as palavras-chaves “psicologia luto”, “luto infantil” e “luto e infância” nos bancos de dados – BVS, PortalCapes, Pubmed e Google acadêmico, no qual os critérios de inclusão e exclusão foram norteados em conformidade com Vosgerau (2014), que bem defende a necessidade de estabelecer além do campo de pesquisa, um período e determinada fonte de dados, devido ao possível volume de produção.

Por isso, como critérios de inclusão foram elencados:

- a) artigos completos disponíveis;
- b) banco de teses e dissertações;

- c) ser dos últimos dez anos;
- d) atender a demanda proposta de discutir vivência do luto durante a infância.

Bem como, os critérios de exclusão foram:

- a) duplicação de arquivos;
- b) não atendeu a demanda proposta de forma específica;
- c) atendeu apenas uma abordagem teórica dentro da psicologia.

Dessa forma, totalizou-se 12 arquivos selecionados que conversam diretamente com o tema proposto pelo filme, de discutir a elaboração de uma perda significativa durante a infância. Contribuindo também, como objetivos específicos, tanto para com a comunidade acadêmica de formação de psicologia como para a criação de novas perspectivas, no uso profissional de técnicas e recursos de trabalho quando o intuito for debater e refletir sobre perdas e lutos durante na infância.

Os apontamentos relacionais entre a revisão bibliográfica pesquisada e um recurso de audiovisual de forma íntegra serão estabelecidos no segundo momento desse estudo, no qual o filme “Tão forte, tão perto” foi selecionado por tratar de questões de luto infantil. Para tanto, os temas da literatura foram elencados e trabalhados conforme a narrativa e as discussões suscitadas pelo filme, sendo o aporte teórico aquele resultante do levantamento bibliográfico que consta de modo resumido na tabela a seguir. Nela encontram-se as produções tabuladas que foram colhidas de acordo com os critérios de inclusões e exclusões que serviu de base para a construção desse estudo, bem como o mapeamento de principais pontos a serem explorados de acordo como a narrativa do filme nos coloca a pensar.

TEMA	ANO	OBJETIVOS	PRINCIPAIS RESULTADOS
<b>Perder um irmão até à adolescência: experiência na vida adulta.</b>	2018	Descrever a experiência de perder um irmão durante a infância e a adolescência	O fenômeno revelou-se, pela narrativa das participantes, por meio de cinco temas comuns que foram denominados "Ecos da vivência do luto fraterno"; "À procura de uma justificação"; "A felicidade é momentos!"; "Fontes de força interior" e "A vida e a saúde hoje".
<b>Luto infantil</b>	2019	Identificar possíveis intervenções do psicólogo na elaboração do luto com a morte de um dos genitores na infância.	Foi possível identificar que a família tem um aspecto importante para o fenômeno, uma vez que a forma por ela encontrada poderá auxiliar para os significados atribuídos ao luto, assim como, para suportar a ausência do familiar falecido. Assim como também é possível



			concluir que a psicologia pode contribuir em situações do luto infantil, oferecendo um espaço de escuta e simbolização tanto com as crianças como com os seus familiares.
<b>Infância, perda e educação: diálogos possíveis.</b>	2019	Inter-relação entre infância, perda e educação através de um olhar fenomenológico mundano.	Os filmes se configuraram como excelentes recursos facilitadores para abordar o tema em questão no âmbito educacional.
<b>A vivência do adoecimento e a compreensão da morte na infância.</b>	2013	Refletir sobre a compreensão da morte na infância, discutindo a possibilidade de enfrentar o adoecimento em tal fase do desenvolvimento, bem como as perdas implicadas nessa vivência.	É importante que as informações sejam transmitidas à criança de acordo com as suas possibilidades emocionais e cognitivas. Com isso, lhe é possível aprender a lidar de forma mais adequada com as futuras perdas que pode vir a vivenciar.
<b>Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança.</b>	2011	Verificar a adequação da comunicação à morte ao nível de desenvolvimento cognitivo da criança e compreender o papel da família na elaboração do luto no que tange às informações e sentimentos compartilhados.	A importância de uma comunicação aberta e clara com a criança, além de adequada ao seu nível de compreensão; salientam os benefícios de se compartilharem sentimentos e demonstram a força do apoio social da família extensa no período pós-morte.
<b>TEMA</b>	<b>ANO</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>PRINCIPAIS RESULTADOS</b>
<b>Reflexões acerca da abordagem da morte com crianças.</b>	2013	Refletir acerca da abordagem do tema morte com crianças.	Percebe-se a importância de falar com a criança sobre a morte, a fim de que ela possa elaborar as perdas que vier a vivenciar. Para que se tenham conversas francas com ela, é necessário que o adulto esteja preparado para este momento, de forma a considerar a linguagem da criança, bem como suas particularidades, desde seu nível cognitivo até suas experiências de perda.
<b>Luto infantil: A vivência diante da perda de um dos pais.</b>	2015	Entender de que modo à criança vivencia o luto diante da perda de um dos pais.	A perda dos pais, de qualquer um deles, sempre se configura como uma das maiores crises da vida da criança. É um processo bastante conflituoso e traumático para ela, por ainda se encontrar em um estágio humano de desenvolvimento cognitivo e emocional. Cada criança lida e elabora a perda de diversas formas, mas é essencial que ela possa contar com um adulto capaz de dar a ela a certeza de que não está só e de que a sua existência não está ameaçada.
<b>Morte Repentina de Genitores e Luto Infantil: Uma Revisão da Literatura em Periódicos Científicos Brasileiros.</b>	2011	Revisar a literatura sobre luto infantil decorrente de morte repentina de genitores, publicada em periódicos científicos brasileiros, nos últimos quinze anos.	Resultou em 11 publicações em revistas brasileiras, sendo duas de autoria estrangeira. A análise dos artigos mostrou a relevância da comunicação aberta com a criança e a criação de um espaço de escuta e expressão dos sentimentos, bem como a relevância do atendimento psicoterapêutico à criança e aos seus cuidadores a fim de auxiliar a ambos no processo de elaboração da perda.
<b>As representações da morte e do luto no ciclo de vida.</b>	2012	Investigar as representações acerca da morte e do luto em diferentes grupos etários.	Para as crianças, a morte foi caracterizada como um evento não normativo, representada pela violência urbana e transgressão das normas sociais.

<b>Percepção dos pais sobre o processo de luto infantil.</b>	2018	Analisar quais as percepções e opiniões dos pais sobre o luto infantil.	Os pais sabem identificar os vários tipos de perda, contudo, a perda de um objeto estimado e uma situação de catástrofe natural não é encarada como perdas significativas; a maioria dos pais identificou os principais sinais e comportamentos associados ao processo de luto nas crianças e revelaram não terem sentido dificuldades em lidar com os seus filhos aquando de uma perda significativa; não se verificou uma relação entre a percepção de luto dos pais e variáveis sociodemográficas; não se constatou uma relação entre o funcionamento familiar e a percepção dos pais sobre o luto na criança; os pais e as mães evidenciaram uma percepção semelhante do luto infantil.
<b>A elaboração do luto na infância.</b>	2017	Explicar e compreender a internalização da morte por parte de uma criança e as capacidades e recursos cognitivos para o processo elaborativo da perda.	O luto para criança sempre será um processo cheio de conflitos e traumas por ainda estar num processo do desenvolvimento psíquico, no entanto, o tratamento de toda situação realizado com extremo investimento, acarretará em uma elaboração possível e com resultados futuros bastante satisfatórios.
<b>Comunicação sobre a morte para crianças: estratégias de intervenção.</b>	2016	Levantar dados a respeito da comunicação sobre a morte para crianças e identificar estratégias utilizadas e recomendadas.	Esta interação deve ser revestida de algumas estratégias e cuidados básicos, respeitando-se as capacidades cognitivas e emocionais da criança.

### **DESCRIÇÃO DO FILME TÃO FORTE E TÃO PERTO**

O filme inicia com a narração de Oskar, um menino de onze anos muito criativo e aventureiro, questionando sobre a possibilidade de existir mais pessoas vivas do que mortas. Já na cena seguinte, na cerimônia de enterro de seu pai, Oskar também questiona sobre o fato de as pessoas estarem enterrando um caixão vazio. Aponta aparentemente chateado, que aquilo parece um enterro de mentirinha, e que para ele isso não fazia menor sentido, mas mesmo assim, o padre celebra esse momento de despedida do pai com algumas pessoas assistindo.

Na sociedade atual, esse ritual de despedida do corpo é muito importante, pois é necessário um tempo para vivenciar o luto, e não para negá-lo. De acordo com Kovács (1992 apud SILVA, 2012), assim que houver a presença da pessoa perdida internamente em paz e também um espaço disponível para outras relações, o processo de luto se

tornará elaborado. Para Cavalcanti e Bonfim (2013 apud RONCATTO, 2019), fantasias vistas em desenhos animados podem fazer com que a criança acredite que o falecido irá ressuscitar; pode também estar ligado muitas vezes a um personagem que morre em um determinado momento, volta à vida, ou até mesmo a algumas explicações dos pais ao dizer que o outro genitor virou uma estrela, foi para o céu ou precisou fazer uma longa viagem.

O Oskar narra todo o filme, e conta sobre a possível existência de um sexto distrito em Nova York/EUA, e que o seu pai, Thomas, propôs que eles podiam achar tal distrito, através de uma expedição guiada por meio de um mapa, e a partir de então ele já começa a ler e buscar pistas. A ideia de Thomas, assim como em outras missões semelhantes, era fazer com seu filho Oskar superasse a dificuldade de socialização, propondo desafios que envolvessem a comunicação com diversas pessoas.

Essa estratégia lúdica e criativa que o pai de Oskar desenvolveu fez com que o vínculo afetivo entre eles se tornasse mais sólido, pois eles se ajudavam nessas investigações e andavam sempre juntos. Para Bowlby (1990 apud RONCATTO, 2019), o luto está associado a uma quebra de vínculo que é sentida como desamparo e aflição, podendo desencadear ansiedade de separação e pânico, o que aparentemente foi vivenciado por Oskar mediante a perda do pai.

Thomas estava no World Trade Center no fatídico dia 11 de setembro de 2001, tendo falecido devido aos ataques terroristas. Oskar escutou as mensagens que seu pai deixou na secretária eletrônica minutos antes do ataque, mas não conseguiu atender e chegou a entrar em crise e se automutilar, escondendo-se embaixo da cama. Logo após o ocorrido, sua avó chega questionando se ele sabia o que havia acontecido com seu pai. Ele apenas afirma que sim, não mencionando nem para a mãe e avó sobre as mensagens que o pai tinha enviado e ele escutado, o que posteriormente o fez tomar a decisão de comprar escondido outra secretária eletrônica, e trocá-la, pois não queria que ninguém precisasse ouvir as mensagens do pai, dessa forma para ele seria como se nada tivesse acontecido.

Com a morte de um dos genitores, a criança perde o mundo que conhece, logo, seu mundo presumido, aquele cotidiano em que os genitores se afastam para as obrigações diárias e no final do dia retorna para sua convivência familiar. O mundo presumido trata-se do único mundo que o ser humano efetivamente conhece que inclui

tudo o que sabe ou pensa saber. Inclui sua interpretação do passado, as expectativas do futuro, planos e preconceitos (FRANCO, 2012).

A perda parental é uma experiência singular e implica em um luto particular, posto que sejam inúmeras as adaptações que os filhos e familiares precisam enfrentar, tanto em nível individual quanto social. Ao perder um dos pais, o luto aparece como reação imediata, é a maior crise com a qual uma criança pode se deparar, que afeta o sentimento de onipotência infantil, ao mostrar para a criança que seus pais não são seres superpoderosos, como imaginava (ANTON, 2011). Pois, esse acontecimento solicita e cria demandas para uma nova identidade. É durante o processo de elaboração do luto que essa nova identidade se constitui e dessa forma ocorrem diferentes mudanças na vida das crianças, referentes à concepção de mundo e papéis (MENDES, 2009).

Perdas violentas como essa pode ser um fator para luto complicado, uma vez que é considerada uma morte repentina, porque diferentemente do que ocorre na morte esperada, a criança não tem a chance de fazer um luto antecipatório, de forma que ela consiga se preparar emocionalmente para tal evento. Essas perdas repentinas, violentas e prematuras colocam o ser humano diante da sua própria vulnerabilidade de forma inesperada, o que torna o processo de luto ainda mais difícil de ser elaborado (ANTON, 2011).

Ao contar sobre a morte do seu pai, Oskar faz uma analogia com o que acontece se o sol explodisse – assim como teríamos ainda 8 minutos de luz, ele sentia que seus oito minutos com o pai estavam acabando. Então ele decide mexer nas coisas do pai até que, de forma acidental, ele quebra um vaso azul e encontra uma chave dentro com um bilhete dizendo “não pare de procurar”. Ele viu que o envelope da chave tinha escrito o nome “Black” e logo chegou à conclusão que essa era uma pista para encontrar o sexto distrito e esticar seus oito minutos com seu pai, ou seja, de lhe manter por perto por mais tempo. Raimbault (1979 apud PAIVA 2011) afirma que o tempo é relativamente longo para o processo de luto passar da fase do investimento (idealização do morto) para a fase de desinvestimento (a introjeção do objeto perdido, sob a forma de lembranças, palavras, atos...) até atingir a fase de investimento afetivo em um novo objeto (a possibilidade de aceitar uma nova figura de afeto).

Por isso, ele embarcou nessa aventura de desvendar o mistério da chave e quem sabe compreender o sentido da partida do pai. Separou, então, pessoas com o sobrenome “Black” e alguns materiais, dentre eles a mensagem do pai que dizia para nunca parar de procurar, a chave e seu pandeiro que o ajudavam a enfrentar seus medos. Logo no início da aventura enfrentou desafios, mas conseguiu passar por eles ao reviver as palavras encorajadoras de seu pai, que ele só iria saber se tentasse.

Cada vez que saía de casa para essa aventura, Oskar se achava mais leve, pois se sentia mais perto do pai, mas também se sentia pesado, pois ficava mais longe da mãe. A criança que vivencia o processo de luto responde a ele, porém essa resposta está relacionada tanto a sua fase de desenvolvimento, quanto a qualidade e intensidade do vínculo afetivo estabelecido com a pessoa perdida – nesse caso, Oskar tinha seu pai como seu melhor amigo e sua segurança afetiva (BIANCHI, 2019).

Oskar diz que começou a expedição com um problema simples, uma chave sem fechadura, mas criou um grande esquema, pensando naquilo de modo algoritmo, mas isso parecia não estar dando certo, pois as pessoas estavam mais para letras, e letras querem virar histórias, as quais seu pai sempre dizia que precisam ser compartilhadas. Ele tinha planejado uma visita de 6 minutos para cada pessoa com sobrenome “Black”, mas elas nunca duravam apenas isso, pois tentavam lhe consolar e fazer com que ele se sentisse melhor em relação ao seu pai, e também contavam suas histórias. Mas Oskar não buscava distrações, nem amigos; ele queria a fechadura, pois sentia que sem isso estava se perdendo o seu pai.

Nesse ponto podem-se notar as particulares formas de lidar com o luto. O modelo de compreensão dual do luto proposto por Stroebe e Schut (1999 apud SILVA, 2012) aponta para a existência de dois tipos de fatores estressores – orientados para a perda e para a restauração; diante disso, aponta também que esse é um processo dinâmico e regulador do enfrentamento, ou seja, pela oscilação entre às vezes confrontar, às vezes evitar as diferentes tarefas do luto que ficam a par com necessidades de restauração.

Em dado momento Oskar acorda a mãe de madrugada, e pede que ela prometa que não vai enterrar ele quando morrer, e ela diz que ele vai viver muito tempo ainda. Durante o diálogo, o mesmo questiona se ela tem certeza que o ama, pois acha que ela tem sido ausente e tem percebido que ela vem sempre esquecendo as coisas e só faz dormir. Começa a questionar também sobre a possibilidade da morte dele no dia

seguinte, e a mãe assegura que isso não vai ocorrer, mas ele questiona como ela pode ter tanta segurança, pois o pai também não achou que iria morrer.

Quando se trata da morte de pessoas com as quais estão estabelecidos os vínculos mais próximos, nesse caso um progenitor, a elaboração de luto se configura mais delicada, principalmente por se considerar um primeiro contato com a própria finitude, porque segundo Kovács (1992 p. 153, apud LEANDRO 2015) “a morte do outro se configura com a vivência da morte em vida. É a possibilidade de experiência da morte que não é a própria, mas vivida como se uma parte nossa morresse, uma parte ligada ao outro pelos vínculos estabelecidos”.

Oskar diz ainda, que a mãe não sabe de nada, já que enterrou um caixão vazio, e a mãe diz que isso não tem importância, pois a memória dele está lá, e Oskar discorda, diz que tem importância, que seu pai era apenas células e que agora elas estão espalhadas no ar que as pessoas respiram, e que esse enterro não faz nenhum sentido.

Oskar já não consegue ver uma segurança nas palavras da mãe e busca, ainda, um sentido, uma forma de se ajustar a sua perda. Nesse sentido, Parkes (1998 apud BIANCHI, 2019) entende o luto como uma aprendizagem, no qual é característico um rompimento de toda a constituição do mundo interno e da segurança existente, tornando-se, assim, um processo significativo de mudança de percepção de mundo; conseqüentemente exige que novas formas de ajustamento sejam criadas, para que o mundo interno possa ser reconstruído a partir de uma nova configuração, na medida em que vai assimilando esta experiência (BIANCHI, 2019).

Nessa conversa, a mãe já bastante nervosa tenta explicar que fez isso por ela e por ele, para que pudessem tentar se despedir do pai. Pois o mesmo se foi e não retorna mais, e que não sabe o motivo de tudo ter acontecido, e que realmente como ele afirmou, nada faz sentido. Oskar parece se desesperar, chora bastante e questiona porque a mãe não estava em casa no dia do ocorrido. Ela diz que não podia, pois estava trabalhando, e ele diz, com raiva, que queria que tivesse sido ela a estar no prédio, e se surpreende com a resposta da mãe que compartilha desse sentimento. Logo depois ele diz que falou da boca para fora.

De acordo com Bowlby (1973/1998 apud RONCATTO, 2019) no luto infantil existem duas grandes implicações práticas, que são a angústia e a raiva, o que muito se relaciona com o que Oskar sentiu ao indagar sua mãe, que são sentimentos comuns

gerados pela perda. No caso da morte de um dos genitores, a criança não terá a mesma forma de elaborar o luto que uma pessoa adulta tem.

Neste sentido, Bowlby (1973/1998 apud RONCATTO, 2019) afirma que a perda de uma figura de vínculo é percebida pela criança como desamparo. Os sentimentos de medo de ser abandonada, a saudade da figura perdida e a raiva por não poder reencontrar a pessoa que morreu estão entre os efeitos mais intensos e perturbadores provocados pela perda do genitor (RONCATTO, 2019). Por isso que falar com a criança sobre a morte de forma clara e natural é importante, pois permite a ela lidar com os medos que podem surgir pelo desconhecido, o que, de acordo com Kovács (2013), também tem a possibilidade de elucidar algumas dúvidas e mitos que lhe são transmitidos.

Nesse dia da discussão com a mãe, Oskar fica triste e tenta entrar em contato com avó, por meio de um rádio, que anteriormente usava com o seu pai, mas infelizmente a avó nesse dia não respondeu. Ele acaba vendo então um movimento estranho na casa da avó, de uma luz sendo apagada e acendida, logo resolve ir lá e dar de cara com um senhor que alugava o quarto na casa dela. O senhor não falava oralmente, apenas por escrito. Oskar tenta se comunicar, faz algumas perguntas ao senhor e questiona qual a história dele, e o senhor se recusa a contar, dizendo: “minha história é só minha”.

Mas, Oskar então sentindo a necessidade de falar, pergunta se pode contar a história dele, e o senhor concorda. Oskar relata a perda de seu pai no 11 de setembro de 2001, e que desde então ficou muito triste, sentindo um peso, que sentia falta de como ele o fazia rir, além da voz dele o acordando ou o convidando para fazer algo. Ele conta como achou a chave que sabia que o pai havia deixado para ele.

Nesse sentido, é notável a importância das estratégias para darmos uma notícia a respeito da morte para crianças, principalmente quando há vínculo afetivo, o que requer cuidados básicos que respeitem a capacidade cognitiva e emocional, com a linguagem clara, objetiva e afetuosa, evitando contar mentiras e histórias que as mesmas possam criar fantasias a respeito da perda, algo que durante o filme emergem nas histórias fantasmáticas criadas por Oskar. Laplanche e Pontalis (2000 apud FRANCO, 2007) afirmam que fantasia faz referência ao mundo imaginário, à atividade criadora que o anima e bem como seus conteúdos. Esses autores também definem essa formação como

sendo um roteiro imaginário do qual o sujeito faz parte e que representa a realização de um desejo.

Além disso, Oskar conta ao senhor que encontrar a fechadura irá o ajudar no processo de reacreditar que tudo dará certo sem seu pai, pois ainda sente muitos medos sem ele. Mas já cansado diz que não está adiantando de nada todo esse esforço, pois o objetivo com tudo isso era sentir menos falta do pai, e está sentindo mais falta dele, na verdade. Oskar conta toda essa história muito rápida, gerando outras indagações também, como se precisasse expulsar aquela angústia da perda e da falta do sentido que essa fazia para ele e o senhor apenas a escuta. Ele termina de contar a história, exausto e hiperventilando.

Oskar se dá conta que esse é um processo doloroso e a partir desse momento, pode-se visualizar o que Freud diz sobre o luto como um procedimento lento e doloroso, tendo como características tristeza profunda, resultando na diminuição do interesse no mundo externo e da substituição de um novo objeto de apego (RONCATTO, 2019). Nesse caso, a última expedição que o pai deixou para ele passa a ser o seu interesse e última esperança de apego ao seu pai, por isso Oskar se coloca na posição de desvendá-lo a qualquer custo.

Ele conta que tem medo do que pode fazer a si mesmo. Ao ser questionado pelo senhor o que de ruim poderia se fazer, Oskar mostra a lateral da barriga com vários arranhões – como se ele tivesse se machucado e, embora o senhor tenha demonstrado surpreso com o que viu, ele simplesmente diz que vai dormir. Mas, antes de ir, o senhor pergunta a Oskar se ele gostaria que fossem procurar juntos. E Oskar concorda.

Oskar nesse momento tem medo de não ser compreendido na sua vivência do luto. Especificamente em situações de crise, as crianças revelam necessidade de compartilhar seus medos, angústias, fantasias e sentimentos. Nessas horas, é importante que haja um suporte emocional para transmitir e propiciar aos pequenos o conforto, segurança e força para continuar (LIONE, 2005 apud LIMA, 2011). Em contrapartida, é importante ressaltar que nos casos em que a comunicação é bloqueada, o indizível tem mais chances de se manifestar por meio de sintomas disfuncionais ou de comportamentos destrutivos.

Em seguida, Oskar e o senhor começam a busca juntos. O senhor leva-o para andar de metrô, o que o menino não concorda de primeira, mas, de fato, o senhor não



pode andar muito e se quisesse que ele fosse, teria que enfrentar esse desafio. Então, logo no início ele vai com uma máscara cobrindo todo o rosto e com muito medo: - “às vezes temos que enfrentar nossos medos”, diz o senhor para ele, por meio de um bilhete. Durante o percurso, Oskar vai enfrentando aos poucos seus receios, com o diálogo e apoio afetivo desse senhor.

Sobre a importância da rede de apoio para enfrentar o luto, para Souza (2011), toda criança merece uma atenção específica quando sofre uma perda de um ente querido. Nesse sentido, Anton (2011) também ressalta a importância de apoio e permissão para que a criança possa participar e falar abertamente sobre sua dor com os seus familiares, para que ela consiga de forma autônoma elaborar o luto.

No caminho de volta para casa, eles dividiram um suco e mais tarde continuaram a jornada em busca de alguma resposta visitando os “Black” da cidade e região. Eles se aproximaram cada vez mais. Mas, Oskar já se encontrava irritado por não ter achado nenhuma resposta, e vai se vendo cada vez mais longe de seu pai; o senhor ainda diz “pare”, mas a angústia de parar é bem mais dolorosa para Oskar.

Ao perguntar se vão parar, Oskar responde ao senhor que precisa mostrar algo a ele - já pensando que pode ser o seu possível avô. O “algo” que ele tinha para mostrar era várias fotos do acidente das torres gêmeas, de possivelmente seu pai sendo arremessado para bem longe por causa das bombas, mas não é uma imagem nítida e Oskar tem consciência que talvez outras crianças também vejam seus pais. É quando ele mostra todas as mensagens gravadas do seu pai, que até então não tinha mostrado para ninguém antes, e sentiu-se acolhido e seguro para expor. Para Kovács (2003 apud PAIVA 2011), se houver um espaço de acolhimento, no qual as pessoas sintam segurança para expor opiniões, ouvir, refletir, esse pode ser potencialmente gerador de transformações e ressignificações da vida, um espaço potencialmente humanizador.

Depois, ao ler um jornal, Oskar vai encontrando algumas pistas, dentre elas “não pare de procurar”; em seguida, informações sobre um leilão e um número de telefone que ao ligar, outra mulher com sobrenome “Black” atende. Oskar logo vai ao encontro dela, mas como ela não tinha respostas para o que ele procurava, leva-o até o prédio onde seu ex-marido trabalha, porque ela supõe que ele possa ajudá-lo. Ao chegar no prédio, Oskar sobe e encontra Willian trabalhando. Pergunta se ele conhece seu falecido pai, Thomas, e conta toda a história da chave e, ao mostra-la para Willian, ele explica que

estava procurando a chave há mais de um ano também. Diz: - “estamos procurando um ao outro”. Essa chave abre a fechadura de um cofre de banco.

Oskar descobre que na verdade a chave era destinada a Willian e ao chegar em casa demonstra sentimentos de raiva, destrói coisas do seu quarto até que a sua mãe vai acolhê-lo e acalmá-lo. Ela conta como sempre esteve ao lado dele durante essa aventura, explica que queria entendê-lo, então, ela entrou no seu quarto, pensou como ele e planejou tudo para que ele tivesse a autonomia de não parar de procurar e ao mesmo tempo não corresse perigo. Ela até se encontrou com todos os Black's que ele esteve pelo caminho, explicou toda a história e que o mesmo os procuraria em breve, dessa forma, ajudou a ele a vencer seu desafio emocional/afetivo. Para a criança, a morte é não apenas um desafio cognitivo para seu pensamento, mas também um desafio afetivo (TORRES, 1999 apud MELLO, 2013). Em contrapartida, Souza (2017) aponta que privar as crianças de esclarecimentos, impedi-las de viver o luto e elaborar internamente o que sentem após o desfazer de um vínculo afetivo significativo são práticas negativas que podem trazer consequências graves.

Oskar sente-se acolhido nessa conversa com a mãe, e junto com ela descobrem que não era apenas o pai que pensava como ele, e concluíram que todas as famílias que visitaram tinham perdido algo ou alguém, igual a eles dois. Também conversam sobre o que sente mais falta que o pai fazia ou falava; nessa hora, a mãe chora de saudade ao escutar Oskar dizendo que escutou seu pai falando como a amava.

Depois de saber de tudo, Oskar escreveu uma carta para cada Black que ele conheceu. Ele agradeceu as oportunidades e gentileza e contou o desfecho da história – que a chave era de Willian, mas ao mesmo tempo, estava feliz em ter a frustração de saber que não era dele, pelo menos era alguma coisa. Oskar tem a certeza da presença do seu pai em seu coração para sempre, mas que ele nunca mais vai voltar, por mais que queira. Ele conta que descobriu ser possível viver sem o pai – justamente que o deixaria orgulhoso porque era o que o pai sempre quis.

Percebe-se por fim que o mesmo vivencia a compreensão da finitude que a morte é em nossas vidas. A noção da irreversibilidade que é o fator permanente e não reversível da morte; a não funcionalidade, referente ao desenvolvimento da capacidade de compreender que a morte envolve a perda das funções vitais; e a universalidade, que requer o entendimento de que todo o ser vivo vai inevitavelmente de morrer.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em síntese, ele encontra o último bilhete que seu pai deixou, no balanço do parque. No bilhete, seu pai deu os parabéns pela resoluta coragem e sabedoria precoce. Finalmente ele conseguiu resolver a sexta expedição e descobriu sua excelência. Assim como o povo do sexto distrito, ele, seja lá onde estiver, celebra Oskar com orgulho. Nesse momento, possivelmente o menino tem a vivência do que Colin Parkes (1998 apud BIANCHI, 2019), importante teórico dos estudos sobre o luto, quis dizer sobre a dor do luto ser inerente à vida, o preço que pagamos pelo amor e pelo compromisso.

## **REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, Fabiane de Amorim. Lidando com a morte e o luto por meio do brincar: a criança com câncer no hospital. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 55, n. 123, p. 149-167, dez. 2005.
- ANTON, Márcia Camaratta; FAVERO, Eveline. Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 15, n. 1, oct 2011. ISSN 1981-8076.
- BIANCHI, Daniela Pupo Barbosa et al. Possibilidades da Clínica Gestáltica no Atendimento de Crianças Enlutadas. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. spe, p. 1018-1035, dez. 2019.
- CARVALHO, Eliane Cristina de; CARVALHO, Lana Veras de. Infância, perda e educação: diálogos possíveis **Psicol. pesq** ; 13(3): 73-92, set.-dez. 2019.
- CARVALHO, Marisa Sofia Almeida; VICENTE, Henrique (Orientador). LUTO NA INFÂNCIA PELA MORTE DO PROGENITOR. Dissertação Apresentada ao ISMT para a Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica. Coimbra, outubro de 2013.
- COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. **Estud. de Psicologia** 2006 v. 11, n. 2, p. 209 – 216.
- FRANCO, Maria Helena Pereira (2012). Crises e desastres: a resposta psicológica diante do luto. O mundo da saúde, São Paulo, a. 36, p. 54-58.
- FRANCO, Maria Helena Pereira. MAZORRA, Luciana. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. Estudos de Psicologia, Campinas/ São Paulo, a.24, n.4, p. 503-511. Dez. 2007
- GIL, A. C., (2011). Como elaborar projetos de pesquisa (4ª ed.). São Paulo: Atlas. (Trabalho original publicado em 1987).

KOVACS, Maria Julia. Educação para a morte. Education for death. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 484-497, set. 2005.

LEANDRO, Josilaine costa; FREITAS, Patrícia maria lima de. Luto infantil: A vivência diante da perda de um dos pais. **Revista UNINGÁ**. Vol. 46, pp. 69 -75, 2015.

LIMA, Vanessa Rodrigues de; KOVACS, Maria Julia. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 31, n. 2, p. 390-405, 2011.

LUNA, Ivânia Jann; MORÉ, Carmem Leontina Ojeda Ocampo. O modo de enlutamento na contemporaneidade e o aporte do construcionismo social. **Nova Perspectiva Sistêmica**, Rio de Janeiro, n. 46, p. 20-35, agosto 2013.

MARTINS, Marize; LIMA, Patricia Valle de Albuquerque. Contribuições da Gestalt-terapia no enfrentamento das perdas e da morte. **IGT rede**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 20, p. 01-39, 2014.

MELLO, Amanda Reginato de; BASEGGIO, Denise Bortolin. Infância e morte: um estudo a cerca da percepção das crianças sobre o fim da vida. **Revista de Psicologia da IMED**. Jan.-Jun, 2013, num. espec. v. 5, n. 1, p. 23-31.

MENDES, Andreia Carina Perregil; BEJA, Maria João Gouveia Pereira. **Percepção dos pais sobre o processo de luto infantil**. Universidade da Madeira. Dissertação de mestrado. 2018.

MENDES, É. A morte e o luto a partir do mito da medusa e o trabalho com crianças portadoras de doenças terminais. **Psicópio: Revista Virtual de Psicologia Hospitalar e da Saúde**. Belo Horizonte, a.4, n.8, ago 2009.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. **A arte de falar da morte para crianças: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores** / Lucélia Elizabeth Paiva. — Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011.

RAGAZZO, Débora Storni. **A vivência do adoecimento e a compreensão da morte na infância**. Secretaria de Estado de Saúde. Programa de aprimoramento profissional. São Paulo, 2013.

RAMOS, Sílvia da Encarnação de Barros. Perder um irmão até à adolescência: experiência na vida adulta / Losing a brother until adolescence: experience in adult life. **Rev. enferm. UFPE on line** ; 12(9): 2349-2360, set. 2018. Ilus.

REGIÃO das Américas ultrapassa 1 milhão de mortes por Covid-19. **ONU News, 2021**. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/01/1739952> Acesso 29, jan. 2021.

RONCATTO, Rafaela. LUTO INFANTIL. UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. Trabalho de conclusão de curso, 2019.

SALVAGNI, Adellis; Et all. Reflexões acerca da abordagem da morte com crianças. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, 21 (2), Jul-Dez 2013, 48-55p. DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v21n2p48-55> Copyright 2013 pelo Instituto Metodista de Ensino Superior CGC 44.351.146/0001-57.

SILVA, Maria das Dores Ferreira da; FERREIRA-ALVES, José. O luto em adultos idosos: natureza do desafio individual e das variáveis contextuais em diferentes modelos. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 588-595, 2012.

SILVA, Salmazo H; ZEMUNER, M.N; RODRIGUES, P. H. da S; ANDRADE, T.B. de; MARTINIANO, V; FALCÃO, D.V. da S. (2012, ag.). As Representações da Morte e do Luto no Ciclo de Vida. **Revista Temática Kairós Gerontologia**,15(4), pp. 185-206, “Finitude/Morte e Velhice”. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.

SOUZA, Gisleine Cristina de; GUILHERME, Thais Amanda; MESQUITA NETO, Rui. A elaboração do luto na infância. **Anais do XX Simpósio de Ciências Aplicadas da FAEF. SOCIEDADE CULTURAL E EDUCACIONAL DE GARÇA.** Garça/SP: Editora FAEF, 2017. Vol 06 (10 vols.) - ISSN 1676-6814.

SOUSA, Luiza Eridan Elmiro Martins de. O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação. **IGT rede**, Rio de Janeiro , v. 13, n. 25, p. 253-272, dez. 2016.

VOSGERAU, Dilmeire Sant’Anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014.

YAMAURA, Luciana Parisi Martins; VERONEZ, Fulvia de Souza. Comunicação sobre a morte para crianças: estratégias de intervenção. **Psicol. hosp. (São Paulo)**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 78-93, jan. 2016.